

Propaganda do Grupo Al-Shabaab nas aldeias de Cabo Delgado - Moçambique

Emílio J. Zeca*


pp. 131-142

Introdução

O presente texto apresenta uma série de documentos e avisos produzidos no seio do grupo al-Shabaabs de Cabo Delgado e analisa os contornos da propaganda e medo propagado pelo grupo em diversas aldeias. Os al-Shabaabs de Cabo Delgado fazem parte de um grupo armado insurgente, que levou a cabo o seu primeiro ataque, em outubro de 2017, no Distrito de Mocímboa da Praia, mas que rapidamente se expandiu para diversos distritos desta província e alguns pontos das províncias de Niassa e Nampula. A propaganda, entendida como transmissão de ideias políticas, ideológicas, religiosas (Barracho, 2011: 203) e a disseminação do medo são analisados com base numa leitura analítica dos documentos produzidos no seio deste grupo, entre 2018 e 2024. Trata-se de vídeos e manuscritos, que foram produzidos em diversos contextos e que servem para se ter uma ideia da ideologia, crenças e agenda desse grupo e como é que a propaganda do medo é usada como uma manobra psicológica, para conquistar as mentes e os corações das pessoas e das instituições, camuflar a real agenda do grupo e, de forma sistemática e seletiva, dar créditos à agenda subversiva; criar e semear um clima de medo e de insegurança generalizado, isolar as comunidades das autoridades e das unidades envolvidas em operações de contra-insurgência, coagir as populações, desacreditar as autoridades e criar um ambiente de impunidade.

A produção de documentos, no seio dos grupos insurgentes e terroristas contemporâneos, como *al-Qaeda*, *Boko Haram* ou do Estado Islâmico é comum. Reuter (2015), descreve a estrutura orgânica do Estado Islâmico. Smith (2016) descortina o Boko Haram, considerado misterioso e quase desconhecido, por meio de reportagens locais, depoimentos e documentos provenientes de dentro do grupo, constituindo um dos primeiros relatos profundos do conflito. Em Kassim e Nwankpa (2018) existe um capítulo que analisa os documentos produzidos no seio deste grupo. Bukarti (2025), debruça-se sobre origens, ascensão, transformação, resiliência, conexões, financiamento e fragmentação do Boko Haram.

Para elaboração deste texto, recorreu-se a uma metodologia qualitativa, baseada na recolha e análise crítica de fontes, de forma a verificar o seu papel como instrumento de pro-

 <https://doi.org/10.21747/0874-2375/afr42a7>

* CEEI/UJC – Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, investigador no Departamento de Paz e Segurança, doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais; ESRI/UJC - Escola Superior de Relações Internacionais, professor de Estudos de Segurança; e Queen University Belfast, School of History, Anthropology, Philosophy and Politics, visiting scholar.

paganda e vetor de disseminação de medo, por parte da insurgência, nas aldeias em Cabo Delgado. Os manuscritos apresentados foram transcritos de forma integral, incluindo os erros ortográficos e linguísticos. Para melhor compreensão de alguns trechos, foram feitas traduções de alguns termos e frases que se encontram em parênteses retos. Alguns vídeos e manuscritos foram apresentados, somente, o seu conteúdo geral, tendo em conta que estão a ser usados noutras pesquisas em andamento. Os conteúdos foram organizados em dois blocos, antecedidos da presente introdução e seguidos das considerações finais e referências bibliográficas. O primeiro apresenta os documentos produzidos, no seio do grupo *al-Shabaab* e disseminados nas aldeias. O segundo relaciona a estes documentos com a propaganda e medo semeado nas aldeias de Cabo Delgado, entre 2018 e 2014.

Fontes documentais disseminados pelos al-Shabaabs nas aldeias

Desde o início das suas operações, em outubro de 2017, mesmo recorrendo a um modelo de “terrorismo oculto”, o grupo *al-Shabaab* de Cabo Delgado tem produzido diversos documentos como vídeos, áudios, fotos e manuscritos, que são difundidos nas aldeias e pelas redes sociais. Estes documentos apresentam, de forma lacónica, as motivações para enveredarem por uma insurgência armada, Lei n.º 11/2023, de 23 de agosto – Altera o Número 3, do artigo 311 da Constituição da República de 2004, alterada pela Lei n.º 1/2018, de 12 de junho. Imprensa Nacional, Maputo com condões, subversivos e extremistas, num Estado laico (Artigo 12 da Constituição da República de Moçambique, 2023). A primeira série analisada foi um conjunto de vídeos publicados entre 2018 e 2022. Neles, há posições ideológicas do grupo, suas crenças, documentos poéticos e a sua agenda. O primeiro vídeo difundido tem duração de 2 minutos e vinte segundos e circulou, em janeiro de 2018, “três meses depois do início da insurgência” (Morier-Genoud, 2023: 165). Aparecem cinco jovens mascarados, supostamente, nas matas de Mocímboa da Praia. No vídeo, os jovens falam em língua portuguesa, mas com erros linguísticos. Fazem uma espécie de mobilização geral para a *Jihad*, em Moçambique, dirigindo-se aos “irmãos moçambicanos”, para se juntar à luta contra *Taghut*¹, satanás, endossando o Alcorão como lei.

O segundo vídeo relevante foi gravado e difundido, por meio do WhatsApp, no mês de março de 2020, depois dos insurgentes atacarem e tomarem o controlo de Distrito de Quissanga (Morier-Genoud, 2023: 167). Este vídeo possui a duração de 1 minuto e vinte segundos. Nele os insurgentes aparecem em frente ao Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique, na Sede do Distrito de Quissanga e içam a bandeira do Estado Islâmico. Durante a gravação, eles convidam as pessoas para se juntarem a eles; que não querem a bandeira da FRELIMO; que não há outra divindade senão *Allah* e o seu mensageiro, Profeta Mohammed; e que querem usar a lei que está no Alcorão. Insistem apelando aos “irmãos” para não serem enganados; que não lutam pela riqueza deste mundo e que querem apenas o paraíso. Quando se quer ser muçulmano de verdade, é preciso morrer, enquanto se luta por *Allah*. Terminam a gravação com a frase: “*Allahu Akbar, Allahu Akbar, Allahu Akbar*”, expressão árabe que significa “Deus é o Grande”.

O terceiro vídeo relevante do grupo *al-Shabaab* de Cabo Delgado tem a duração de 1 minutos e 14 segundos e é discreto, ao pormenor, por Morier-Genoud (2023: 168-169). Este material foi gravado, na fase final de uma operação militar que teve lugar no Dis-

1 Na terminologia islâmica, *Taghut* é um termo que denota casos de adoração a outra divindade além de Deus, neste caso seria a prática da idolatria. Na Teologia Islâmica Tradicional, o termo tem sido conotado com ídolos, demónios, sacrifícios pagãos, idolatria, falsos deuses ou satanás. Nos tempos modernos, o termo tem sido aplicado para referir-se a um poder tirânico terreno e não divino (Momen, 1995; Nünlist, 2015, p. 210, e Dmitriev e Toral-Niehoff, 2017: 55).

trito de Nangade e foi difundido pelo canal de propaganda° *SIS Amaq News Agency*, no dia 9 de agosto de 2022. Neste vídeo aparecem seis homens armados e com farda militar e laços vermelhos, na cabeça. Há presença de dois com fisionomia ocidental, tudo indicando que o indivíduo com colete militar seja Ibn Omar. Há dois homens a segurarem a bandeira do Estado Islâmico e o principal refere que a mensagem é para os idólatras de Moçambique e para o Presidente da República de Moçambique, Filipe Jacinto Nyusi.

“[...] continuaremos a luta contra o exército e os cristãos, até a aplicação da lei da Sharia, em Moçambique. A jihad, em Moçambique, é uma continuação da jihad do Estado Islâmico, em todo o mundo. Se sonham que vamos parar ou depor as armas, nós preferimos a morte. Entre nós e os cristãos existe uma história difícil, inacabada e uma vingança antiga. A verdade está no que vê e não no que se ouve.”

O vídeo termina com a expressão “Seja Louvado Allah, Senhor dos Mundos”. Para além destes três vídeos aqui descritos há outros produzidos, durante a ocupação de Mocímboa da Praia, entre agosto de 2020 e agosto de 2021, bem como nas diversas bases que foram sendo instaladas, ao longo dos vários distritos de Cabo Delgado, sobretudo em Nangade, Quissanga e Macomia, entre 2017 e 2024. Há 62 vídeos que ilustram diversas situações como: ataques às unidades das Forças de Defesa e Segurança; combates de encontro; eventos depois dos ataques; pessoal capturado pelos insurgentes; julgamentos realizados em bases; abordagens feitas pelos insurgentes; observação aérea à aeronaves das Forças de Defesa e Segurança em preparação de operações de apoio aproximado de fogo; sessões de endoutrinação de crianças; gravações de decapitações; saque de produtos e a sua distribuição nas bases; sessões de educação política; telefones dos membros do grupo; e armamento conseguido nos ataques às unidades das Forças de Defesa e Segurança de Moçambique.

O segundo conjunto de documentos difundidos é composto por fotos que retratam o espólio apreendido, como carros e armamento das Forças de Defesa e Segurança; casas em aldeias, edifícios públicos e religiosos incendiados; crianças e mulheres nas suas bases durante as sessões de ensino corânico e de práticas religiosas islâmicas; mapas sobre ordem de batalha militar e para retirada estratégica, em casos das suas unidades serem atacadas pelas Forças de Defesa e Segurança de Moçambique, Ruanda ou da SADC; e registos das operações e processos de decapitações. Muito do material fotográfico foi difundido pelas redes sociais, pelas plataformas noticiosas do Estado Islâmico e foi encontrado no espólio capturado pelas Forças de Defesa e Segurança de Moçambique, do Ruanda e da SADC, durante as operações militares, que visaram as bases estratégicas do grupo.

A terceira série de documentos produzidos, no seio da insurgência, em Cabo Delgado, foi um conjunto de manuscritos. Estes podem ser divididos em duas categorias principais de documentos: 1) os que contam a história das origens e façanhas do grupo; 2) as cartas e avisos difundidos, nas aldeias de Cabo Delgado, que geraram pânico e medo, nas pessoas e instituições, devido ao teor e ameaças de represália para os que não as acatasse. Um manuscrito que destacamos é o “A História...” Apesar de não ter data, retrata aspetos sobre a origem, mobilização e preparação das operações militares. Assim como detalha as principais batalhas iniciais travadas em..., o espólio apreendido e as baixas sofridas pelo grupo. Retratando assim os períodos embrionários e de operações do grupo.

Na segunda categoria de manuscritos, há cartas e avisos. No dia 11 de dezembro de 2021, o grupo colocou em circulação uma mensagem com o seguinte teor:

ALY CHABABE

Nos estamos aqui na Bruwai ates! De amaha: nos estamos aqui miala voseis vamos saber em que Aly Chababe antes de amaha as 4 oras nos queremos bandeira Ala Subuatanaz nos dis: dimos lailai ailala muamdi-Rasulula vamos começar sanga majuni Mategula. Esse samaché corito tudo. [Nós estamos aqui no Burundi e queremos, antes das 04 horas de manhã, içar a bandeira com a escrita “La Ilaha Illallah Muhammadur Rasulullah”². Vamos começar a cortar e degolar e assim vocês vão começar a ver sangue].

No dia 8 de junho de 2022, nas zonas do Distrito de Ancuabe, começou a circular um aviso curto, com a seguinte mensagem:

Os primeiros de dentro afirmaram que o ataque estava direcionado o posto administrativo de “Silva Macua” [Sunate], zona de Ancuabe, e no Sul da província de Cabo Delgado, hoje segunda-feira, dia 08/06/2022. Com esta operação, foi morto um número considerável de cristãos e alguns polícias trânsito. Lembre-se que, os cristãos são atacados por terem tido colaborados por militares de SADC, mostrando nossas vias/ caminhos.

No dia 20 de agosto de 2020, foi colocado a circular, um aviso com o seguinte teor:

ALIXABABE

*Juramos
República de Moçambique
Paz Província de Cabo Delgado
Forças Armadas da Alixababe [Al-Shabaabs]*

COMUNICADO

Comunicamos a Todos Moçambicanos principalmente nos Distritos de Quis-sanga, Metuge. Digamos Hodi.

Apartir de Chiromba, ate Muadja, Naminteves, Muisi, Lapuana, diriti, Nakula, Pulo, Tratara, Vinte Sinco, Sede, Metude, Bandar, Namuapala, Nanguo, ganlane, Muepane, Miezi ate na Cadeia.

Povo em geral tenham cautela

Nos estamos prontos de atacar, sim brincar vão ver somos alixababe seguimos o que é nosso dentro desas aldeias. Temos homem que levarão o nos dinheiro.

Pedimos sinsera discolpa.

A nossa entrada será no dia 1 a 10 de fevereiro do ano corente.

Obrigado por nos acompanhar expandir a nossa informação.

Rogamos Aláa que nos protege

Entre os dias 12 e 13 de outubro de 2022, começou a circular o seguinte comunicado:

2 É uma expressão que significa “Não há outro Deus senão Allah e Maomé é o seu Mensageiro”. Esta é uma declaração ou profissão de fé islâmica, “*Shahada*”, que os devotos dizem, normalmente, ao acordar e antes de dormir.

Em nome de Allah, essa mensagem é para aqueles que fingem de ser muçulmanos. Somente queremos vos lembrar que nós somos militares islâmicos, diferentemente como vocês nos chamam de terroristas e outros nomes que não se percebe. Entendam bem que o vosso destino, deve ser Allah junto com o seu profeta. Portanto, nós somos vossos irmãos que lutamos pela causa de Allah, isto é, suas normas que possam nos sancionar aqui na terra, portanto, quando nos verem qualquer lugar não tenham medo de nós e não nos fujam, pois, a nossa guerra e virada para Cristãos e militares e aqueles que nos odeiam e querem nos derrotar, portanto, nós não temos problemas convosco e muito menos com os vossos bens.

ATENÇÃO:

Não pode existir nenhum que tenta nos derrubar ou não pode existir nem se quer um que possa dar colaboração com o nosso inimigo [militares desse governo de cristãos], e aquele que for pego a colaborar com eles, então esse faz parte deles, e nós não vamos lhe deixar, pela ordem de Allah.

No dia 10 de novembro de 2022, no Distrito de Nangade e arredores, circulou um aviso, em duas versões, mas com o mesmo conteúdo. A diferença está nas palavras finais, que aparecem em cada uma das versões, e na cor da tinta da caneta usada. Uma das versões foi escrita uma parte com caneta de tinta azul e outra vermelha, no final aparece a frase “*Daulatul – Islamiya Ba-quiyyaa*”, que pode ser traduzida, livremente, como “a nação islâmica irá prevalecer”. A segunda versão, que se apresenta com o título “*Daulathul - Islamiya Wilaya Mozambiç, Bismillah, R.R. Ujumbe Muhimo*” e com três partes divididas por riscos de cor vermelha, tem o seguinte teor:

[Primeira Parte]: Submetemos Para a Força Cristã em Moçambique [Militares Moçambicanos]: informamos a todos vocês e com vossos colaboradores que vamos iniciar uma guerra que não tem fim, e cada vez mais vamos acelerar até que vocês todos se convertam para a religião islâmica. E nós iremos parar em todo canto [emboscadas] e, iremos combater as vossas bases militares, e o nosso desejo é de acabar convosco, vos matar ou nós morreremos enquanto somos são em enfrente de Deus [Allah] no dia do julgamento final. E se vocês querem o vosso bem deixem de trabalhar com esses, pelo contrário, quando vocês nos vê é melhor fugir de nós.

[Segunda Parte]: Aqueles que são muçulmanos mas colaboram com o governo desses cristãos, nós não temos nada convosco, apenas apelamos vocês que parem de colaborar com o governo, principalmente com [militares e outras forças], e se vocês continuarem a colaborar com o governo, nós não vamos parar de vos combater, vos matar e nós estamos prontos a vos combater até o fim do mundo, e saibam que estão a lutar com a força [militares] de “Allah” e com seu profeta Maomé, e nós estamos preparados morrer por essa causa. E se nos verem a passar não nos fujam, pois, vocês mesmo nos fugindo não têm nenhum lugar onde possam se esconder que não iremos vos ver, em nome de Deus [Allah].

[Terceira Parte]: essa mensagem vai para Cristãos e Judeus - vamos vos degolar e sempre vamos vos combater até vocês escolherem uma das coisas: 1- Se converterem e ser muçulmanos; 2- aceitarem pagar tributo/impostos para nós e ou, 3- guerra que não tem fim. Nós iremos vos perseguir todos os lugares, de manhã assim como de noite, até que restem crianças órfãos, crianças sem pais e mulheres sem maridos e residências sem pessoas dentro dessas residências ou essas residências nós iremos queima-las e tornarem-se

carvão ou cinzas. Nós não lutamos por riqueza ou por cargo se não a causa de Deus [Allah], pois Allah sozinho deve ser adorado por todo mundo sem ser misturado com qualquer coisa, as recomendações de Allah devem funcionar, suas regras devem funcionar em Moçambique assim como o resto do mundo e nós estamos prontos para se concretizar isso, se Allah quiser. E nós desejamos a morte do que viver.

No dia 8 de fevereiro de 2023, começou a circular um comunicado com o seguinte teor:

EM NOME DE ALLAH, O DETENTOR ABSOLUTO DA MISERICÓRDIA

Vem da força militar islâmica cuja essa força, vinha nessa aldeia de “Nimikoe”, sabemos que vocês fugiram por medo de nós, então, amanhã quando no verem a circular aí não fujam, por que, quando fugirem de nós, entrarão em prejuízos, isto é, vão perder vossas casas e vossos bens. Hoje passamos sem queimar quase nada, apenas levamos alguns bens para auto-sustento. Agora, se caso o dono desses bens for muçulmano, ele pode nos comunicar para lhe pagarmos com o dinheiro e, se o dono for cristão, nós não iremos pagá-lo nada, portanto, se for cristão deve se converter passar a ser muçulmano ou pagar o imposto ao nosso favor.

Em fevereiro de 2024, foi difundido um aviso com a seguinte mensagem:

ASALM ALAIKUM W.W

O Governo do Estado Islâmico de Moçambique

PUBLICAÇÃO

São publicado[s] todos os muçulmanos de Moçambique e do mundo em geral que a paz esteja convosco.

Caso de motorista e os motoristas muçulmanos parar para contribuir para o nosso Dini do Islam.

Motoristas cristão, judeus ... toma 3 conta 1º ser muçulmano, 2º se negar ser muçulmano paga “Jizya” e se negar as duas coisas queimamos o carro e levamos a cabeça já queira.

Devem pagar para passar livre a vontade nesta estrada do Rovuma ao Maputo do Zumbo ao Indico.

- 3 *Jizya é um termo árabe, que designa uma taxa de captação de recursos cobrada aos que não são muçulmanos. Nos primeiros anos do Islamismo, durante o período da liderança do Profeta Maomé e dos Califas, esta taxa era paga às autoridades islâmicas, por todos os súditos que não pertencessem à comunidade islâmica. Trata-se de uma espécie de recompensa, que aparece no Alcorão, mas este texto sagrado não especifica que é um imposto per capita. Com a expansão do Islão pela Península Arábica, Norte de África e Península Ibérica, resultando na multiplicação de povos conquistados, a jizya passou a ser paga por cristãos, judeus, hinduístas e outros que professavam religiões diferentes do Islamismo. Com o tempo, em vários Estados, a jizya foi abolida, como são os casos da Argélia e na Tunísia, no Século XIX. Em Marrocos, a jizya foi cobrada até à primeira década do Século XX, enquanto no Império Otomano, foi abolida em 1856. Paulatina e posteriormente, a jizya foi substituída pela taxa “baddal-askari”, que eximiu judeus e cristãos do serviço militar (Abadi, 2005; e Ghozali e Nugroho, 2021: 50-55). O artigo intitulado “Reviewing the Concept of Jizyah: A Theoretical Approach to History”, da autoria de Mohammad Ghozali e Wahyu Nugroho, da Universitas Darussalam Gontor, na Indonésia, publicado no Volume 5, n.º 1, da Amwaluna: Jurnal Ekonomi dan Keuangan Syariah, aborda a questões sobre a origem histórica, implementação e críticas à Jizya (Ghozali e Nugroho, 2021: 50-55).*

Entre 2018 e 2024, para além dos vídeos e textos manuscritos aqui apresentados, foram produzidos e difundidos diversos outros documentos relevantes. Destacamos o leque de documentos encontrados pelas Forças de Defesa e Segurança de Moçambique, do Ruanda e pela SAMIM – *SADC Mission in Mozambique*, em diversas operações. Um bom exemplo são os conjuntos de mapas, encontrados durante as operações que conduziram à reconquista de Mocimboa da Praia, em agosto de 2021. Neles estavam representados as rotas de fuga para Niassa e outros pontos, considerados seguros, em Cabo Delgado. Em julho de 2022, na operação de assalto à Base de Katupa, pertencente aos insurgentes, pelas Forças de Defesa e Segurança de Moçambique, foram encontrados diversos vídeos, fotos e textos. Durante a perseguição aos insurgentes, as Forças da SAMIM encontraram diversa documentação na zona do Rio Messalo.

A SAMIM, na base dos insurgentes localizada, na zona do Rio Messalo, em agosto e setembro de 2022, encontrou processos de doutrinação, radicalização e treinamento de crianças, para engrossar as fileiras dos insurgentes; sessões de pregações durante celebrações religiosas; sessões de julgamentos em tribunais internos, com base na lei islâmica; e diversas atividades de caça, pesca e produção de alimentos. Esse material permitiu sistematizar todo o processo de organização interna do grupo, com base nos serviços que são prestados e oferecidos⁴.

Propaganda e medo dos *al-Shabaabs* nas aldeias

Os documentos produzidos e difundidos pelo grupo *Al-Shabaab*, nas aldeias de Cabo Delgado funcionam como elemento de propaganda, disseminação duma sensação de medo generalizado e proporcionam situações de violência estrutural e cultural de níveis bastante altos. Tradicionalmente, desde a Revolução Francesa (1789-1799), a propaganda recorre às diversas técnicas para “convencer ou subjugar os seres humanos que se encontram a ela expostos” (Barracho, 2011: 208). Os grupos insurgentes têm usado a propaganda, para disseminar o medo e materializar a sua agenda subversiva. Neste contexto, a propaganda tem desempenhado as seguintes funções: “motivar simpatizantes, coletar fundos, promover a ideologia, justificar atos, gerar simpatia, polarizar a opinião pública, disseminar o medo e enfraquecer governos e governantes” (Gonçalves e Reis, 2017: 132). A propaganda e o medo são direcionados a alvos específicos, que concorrem para a materialização dos seus objetivos.

A propaganda é um dos mais antigos instrumentos da guerra psicológica. Consiste em utilizar os diferentes meios de comunicação para difundir informações, propagar determinadas opiniões verdadeiras ou falsas; defender determinados tipos de ações e fomentar a criação de grupos opostos ao governo de uma determinada unidade política (Silva, 2012: 161). Trata-se de uma estratégia específica e sistemática de persuadir, com vista a influenciar pessoas e instituições, onde os fins são de natureza ideológica, política, emocionais e altitudinais. Tradicionalmente, a propaganda é classificada de acordo com a origem, sendo Propaganda Branca, aquela que vem de uma fonte identificada (Ellul, 1965: 16); a Propaganda Negra, aquela que vem de uma pretensa fonte considerada como sendo amiga, mas que na verdade tem origens num adversário (Doob, 1950: 419-442); e a Propaganda Cinza, aquela que pretende vir de uma fonte neutra, mas vem de um adversário, ou seja, “aquela cuja origem se procura manter na dúvida” (Ministério do Exército, 1963: 6, Capítulo III).

4 Serviços sociais e económicos, serviços religiosos, serviços jurídicos e correcionais, serviços militares, serviços de produção de informações e contrainformações, serviços de propaganda e serviços que lidam com as relações externas do grupo.

Os documentos produzidos pelo grupo *al-Shabaab* de Cabo Delgado são propagandísticos e enquadram-se na manobra psicológica da subversão e nas ações de guerra psicológica. São criados para influenciar os sentimentos, as crenças e as opiniões das populações, das autoridades e das Forças Armadas, criar um clima favorável à subversão e desfavorável à contrassubversão (Pinheiro, 1963: 20; Couto, 1989: 285). A ação psicológica sobre as comunidades é levada a cabo por meio de uma propaganda cinza e negra. Trata-se de uma propaganda cinza, porque a informação é difundida e apresentada como se fosse de uma fonte neutra. Contudo, a documentação apreendida comprova que a mesma é produzida pelo grupo. Grupo que recorre a táticas de guerrilha, atos de terrorismo e barbárie para aterrorizar as populações e atacar as Forças de Defesa e Segurança. Para além disso, trata-se de uma propaganda negra, porque as informações provêm de uma pretensa fonte “amiga” das comunidades, mas que emprega guerra psicológica e física contra as mesmas.

O medo é outro vetor usado com a finalidade de

“agir sobre a moral e a mentalidade dos indivíduos, dos grupos e das massas, tanto no interior do território, como fora dele, no sentido de influenciar as suas opiniões, os seus sentimentos e as suas crenças, e modificar, consequentemente, no sentido conveniente, as suas atitudes e comportamentos” (Pinheiro, 1963: 34-35).

A propagação do medo, por meio de documentos, nas comunidades, enquadra-se no contexto da preparação ou no rescaldo da manobra subversiva da flagelação. Tendo como móbil as mobilidade e aspetos do terrorismo sistemático e seletivo, porque há informações gerais, mas também áreas e atores específicos (Reis, 2017: 141).

Neste contexto, o medo e propaganda são acompanhados de altos níveis de violência estrutural e cultural, nas comunidades como é o caso dos não muçulmanos ou os que não aderirem às crenças, ideias e práticas do grupo.

Gonçalves&Reis (2018) apresentam, de forma sequencial o ciclo de um ataque terrorista, tendo em conta a seleção do alvo, a planificação da operação, a execução do atentado e a reivindicação. Nas últimas etapas de ciclo de um atentado, a propaganda é um elemento que entra em ação, conforme se pode constatar, a ilustração 01. Este ciclo é marcado pela forte presença de violência física, no início, e de violência estrutural e cultural, durante a sua execução e reivindicação.

Ilustração 01 - Ciclo do Ataque Terrorista



Fonte: Gonçalves e Reis (2017: 141).

A violência estrutural e cultural são duas das manifestações da violência apresentadas pelos estudiosos dos Estudos da Paz e Conflitos. Diferentemente da violência física que é visível e direta, por meio de hostilidades abertas, confrontos e agressões verbais e físicas. A violência estrutural é invisível e indireta 1969, estando relacionada com formas de violência proporcionadas pelas estruturas sociais e institucionais, prejudicando as pessoas, impedindo-as de atender às suas necessidades básicas e afetando o seu íntimo. Pode se manifestar no campo político, económico, social ou religioso, por meio de atos de repressão, dominação, segmentação, fragmentação ou marginalização (Galtung, 1996: 31). Por seu turno, a violência cultural tem que ver com a imposição de símbolos religiosos, ideológicos, linguísticos e identitários. É usada para legitimar a violência direta e estrutural, motivando atores a cometer violência direta ou a omitir a neutralização da violência estrutural, podendo ser intencional ou não intencional. Legítima a violência estrutural ou física através da imposição de elementos culturais, religiosos, ideologias, língua, cosmologia, arte, hino, bandeira e outros aspetos culturais (Galtung, 1996: 31).

Na leitura analítica feita aos documentos produzidos, no seio do grupo *al-Shabaab* de Cabo Delgado, verifica-se que há uma dose elevada de violência estrutural e cultural. As posições religiosas e ideológicas são intolerantes para com todos que não são muçulmanos e para com todos os muçulmanos, que não aderiram aos ensinamentos e práticas religiosas da seita⁵, que o grupo criou, entre 2007 e 2012, em Mocimboa da Praia. O Islão, pela sua definição é uma religião de paz e “submissão a Deus” (Haywood, 2002: 3-13), com uma coexistência pacífica, em relação às outras manifestações religiosas, desde que não coloque em causa a sua existência e sobrevivência. O nível de intolerância, radicalismo, violência e extremismo, que as mensagens patentes nos documentos do grupo *al-Shabaab* de Cabo Delgado apresentam conferem as posições dos teóricos que apontam que o *jihadismo* deslocou-se do Islamismo. Afastou-se do combate política e radicalizou-se. Foi tomado pelos doutrinadores, correntes e estratégias do pensamento subversivo do Islão e adotou um fundamento intolerante e violento (Tincq, 2007: 275-276; Duarte, 2015: 6).

Considerações finais

O grupo *al-Shabaab* de Cabo Delgado é um grupo insurgente, que usa como tática o terrorismo, a guerrilha, o extremismo violento e a subversão armada. Trata-se de um grupo de militância islâmica, com fortes bases nativas e uma rede de relações externas bastante sólida. As suas ações enquadram-se na difusão do *jihadismo* transnacional, tendo como um dos principais parceiros o Estado Islâmico, através das suas células espalhadas pela África Central e Oriental. A propaganda e a disseminação do medo é uma estratégia que o grupo tem vindo a usar, desde o início das suas operações de flagelação contra as instituições governamentais moçambicanas, autoridades tradicionais e religiosas locais, tanto cristãs, quanto as muçulmanas que não concordam com a sua visão e prática do Islamismo. A propaganda e a disseminação do medo são acompanhadas de altos níveis de violência

5 Em relação à dimensão de seita do grupo *al-Shabaab* de Cabo Delgado, há estudos (Morier-Genoud, 2020: 396-412) e entrevistas que apontam para quatro ondas principais: a primeira onda teve lugar na década de 1980 e 1990, onde surgiu um movimento semelhante no Distrito de Nangade; a segunda onda ocorreu em 2007, em Balama com a emergência de movimento semelhante; a terceira onda teve lugar entre 2013 e 2014, no Distrito de Chiuré com a emergência de um movimento similar. A última onda teve lugar em Mocimboa da praia e culminou com a realização do primeiro ataque, que teve lugar no dia 5 de outubro de 2017. Nos estudos apresentados e nas entrevistas não fica claro nem evidente que essas ondas são sequenciais e interligadas em termos de atores, agendas, reivindicações e *modus operandi* de contestação.

estrutural e cultural, onde há uma clara imposição da sua visão religiosa e cultural. Este grupo que opera, em Cabo Delgado, tem produzido diversos documentos internamente. Entre os documentos produzidos no seio, destacam-se vídeos, fotos e manuscritos. No lote dos manuscritos, uns retratam a sua história, outros são textos religiosos e outros ainda são avisos que são difundidos pelas aldeias, em Cabo Delgado. Nos demais textos, há conteúdos propagandísticos, enquanto nos avisos é onde encontram-se os textos com ameaças e altos níveis de violência estrutural e cultural. Os documentos têm como objetivo central conquistar as mentes e corações de pessoas e instituições; criar um clima de medo e insegurança geral; isolar as comunidades das autoridades; descredibilizar e desmoralizar as Forças de Defesa e Segurança; coagir a população; criar um ambiente de impunidade e materializar a sua agenda subversiva, conquistando mentes e corações nas comunidades. Inicialmente, esses documentos tinham mensagens com alcance local, mas posteriormente, ganharam uma dimensão global, sobretudo, depois da filiação do grupo ao Estado Islâmico.

O recurso a ações psicológicas para conquistar mentes e corações da população e das instituições, por parte dos insurgentes, cria um conjunto de desafios para as autoridades moçambicanas, envolvidas no combate a este grupo e às suas ideologias. Para fazer face à tática do uso da propaganda e disseminação do medo, no seio das comunidades, é preciso recorrer-se à manobra psicológica da contrassubversão e da contrainsurgência, para conservar e conquistar a adesão das populações às iniciativas, programas e esforços das autoridades moçambicanas voltadas ao combate da insurgência e prevenção do seu alastramento, bem como para criar um cordão sanitário que impede o avanço da insurgência e a adesão das populações ao movimento. A manobra psicológica deve ser complementada por outras manobras da contrassubversão. O recurso às experiências das operações psicológicas que os Serviços de Inteligência levaram a cabo, na década de 1980, no âmbito da Guerra dos Dezasseis Anos, pode ser uma mais-valia.

Portanto, para lidar com a propaganda e o modo disseminado pelo grupo *al-Shabaab* de Cabo Delgado, é preciso levar a cabo ações psicológicas e sociais junto da população, nas aldeias, no seio da insurgência e em todas as unidades e instituições militares e não militares que estão envolvidas na prevenção e combate à insurgência, coesão social, resiliência das comunidades, construção paz e segurança. As ações sociais devem consistir na aplicação de medidas de caráter assistencial, devidamente, coordenadas, que visem melhorar as condições de vida das populações; elevar o seu nível cultural, identitário e de unidade nacional; sensibilizar as populações para colaborarem mais com as autoridades governamentais e menos com a insurgência. Por seu turno, as ações psicossociais devem estar voltadas, de forma permanente para, que a população tenha uma pré-disposição natural e confiança plena, para apoiar as entidades militares e civis envolvidas nas operações de prevenção e combate à insurgência, terrorismo e extremismo violento em Cabo Delgado.

Referências bibliográficas

- Barracho, Carlos (2011), *Psicologia Política*. Lisboa: Escola Editora.
- Bukarti, Bulama (2025), *Inside Boko Haram: Unravelling the Myths of an African Catastrophe*. London: C. Hurst Publishers.
- Couto, Abel Cabral (1989), *Elementos de Estratégia: Apontamentos Para um Curso*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

- Dmitriev, Kirill & Toral-Niehoff, Isabel (2017), *Religious Culture in Late Antique Arabia: Selected Studies on the Late Antique Religious Mind*. New Jersey: Gorgias Press.
- Doob, Leonard (1950), Goebbels' Principles of Nazi Propaganda. *The Public Opinion Quarterly*, 14 (3), pp. 419-442.
- Duarte, Felipe Pathé (2015), *Jihadismo Global: Das Palavras aos Actos – Al-Qaeda, Estado Islâmico e o Império do Terror*. 2.ª Edição. Lisboa: Editora Marcador.
- Ellul, Jacques (1965), *Propaganda: The Formation of Men's Attitudes*. New York: Vintage Books.
- Galtung, Johan (1996), *Peace by Peaceful Means: Peace and Conflict, Development and Civilization*. London, Thousand Oaks and New Delhi: International Peace Research Institute and SAGE Publications.
- (1969), "Violence, Peace, and Peace Research". *Journal of Peace Research*, 6 (3), pp. 167-191.
- Ghozali, Mohammad & Nugroho, Wahyu (2021), Reviewing the Concept of Jizyah: A Theoretical Approach to History. *Amwaluna: Jurnal Ekonomi dan Keuangan Syariah*, 5 (1), pp. 50-55.
- Gonçalves, Francisco (2011), *O Islamismo Radical e o Combate às Suas Ameaças: Da Dawa à Jihad*. Lisboa: Diário de Bordo Editores.
- Gonçalves, Joanisvaldo Brito & Reis, Marcus Vinicius (2017), *Terrorismo: conhecimento e combate*. Rio de Janeiro: Impetus.
- Haywood, John (2002), *Historical Atlas of the Medieval World*. First Edition. Spain: Barnes and Noble, Inc.
- Kassim, Abdulbasit & Nwankpa, Michael (Ed.) (2018), *The Boko Haram Reader: From Nigerian Preachers to the Islamic State*. London: Oxford University Press.
- Ministério do Exército (1963), *O Exército na Guerra Subversiva: Acção Psicológica*. Volume III. Estado-Maior do Exército, Lisboa.
- Momen, Moojan. (1995), "Ṭāghūt". In: Esposito, John L. (Editor). *The Oxford Encyclopedia of the Modern Islamic World*. Oxford: Oxford University Press.
- Morier-Genoud, Eric (2023), *Towards Jihad? Muslims and Politics in Postcolonial Mozambique*. London: Hurt and Company.
- (2020), "The Jihadi Insurgency in Mozambique: Origins, Nature and Beginning". *Journal of Eastern African Studies*, 14 (3), pp. 396-412.
- Nünlist, Tobias (2015), *Dämonenglaube Im Islam*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Pinheiro, Joaquim Franco (1963), "Natureza e Fundamentos da Guerra Subversiva". Junta de Investigação do Ultramar – Centro de Estudos Político e Sociais: "Subversão e Contra-Subversão". *Estudos de Ciências Políticas e Sociais*, n.º 62, pp. 13-45.
- República de Moçambique (2023), *Constituição da República de Moçambique*. Maputo: Imprensa Nacional.

Reuter, Von Christoph (2015), *The Terror Strategist: Secret Files Reveal the Structure of Islamic State*. SPIEGEL International Hamburg. [Online]. Available at: <https://www.spiegel.de/international/world/islamic-state-files-show-structure-of-islamist-terror-group-a-1029274.html>.

Silva, Sérgio Vieira da (2012), *Introdução às Relações Internacionais*. Lisboa: Escolar Editora.

Smith, Mike (2016), *Boko Haram: Inside Nigeria's Unholy War*. London and New York: I.B. Tauris.

Tincq, Henri (2007), *As Grandes Religiões do Mundo: Cronologia, História e Doutrinas*. Lisboa: Edições Texto e Grafia.